

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

SUICÍDIO EM BOM LUGAR

Bullying homofóbico juvenil na zona rural maranhense

Fabio José Cardias Gomes¹
Antônia Iracilda Silva Viana²
Claudia Regina Arrais Rosa³

RESUMO: Este artigo apresenta, relata e discute o caso de homofobia juvenil, sob viés psicológico walloniano, relacionado com bullying escolar, seguido de suicídio no vilarejo campestre de Bom Lugar, município de João Lisboa, sudoeste do Maranhão. Foi utilizada uma entrevista semi-estruturada com a mãe do adolescente e conversas durante visitas técnicas com o diretor e professores. Resultados e discussões apontam: a) entre os envolvidos, falta de conhecimento da magnitude do problema da homofobia; b) desorganização familiar como privação de afeto por parte da mãe; c) atitudes de omissão por parte da escola, e; d) retrata uma situação de desamparo familiar, escolar e comunitário vivenciada pela vítima de homofobia. Conclui-se que as estruturas e recursos humanos que deveriam oferecer apoio não o fizeram, que a dimensão do problema homofóbico é tema tabu na região, o que leva a suposição de que se esse apoio tivesse ocorrido essa tragédia poderia ter sido evitada.

Palavras-chave: Adolescência. Bullying homofóbico. Suicídio.

SUICIDE IN GOOD PLACE

Juvenile homophobic bullying in rural Maranhão.

ABSTRACT: This article presents, reports and discusses the case of juvenile homophobia, under wallonian psychological bias, related to school bullying, followed by suicide in the rural village of Bom Lugar, municipality of João Lisboa, southwest of Maranhão state. A semi-structured interview with the mother of the adolescent and conversations during technical visits with the director and lecturers were applied. Results and discussions indicate: a) among those involved, a lack of knowledge of the magnitude of the problem of homophobia; b) family disorganization as deprivation of affection on the part of the mother; c) attitudes of omission on the part of the school, and; d) portrays a situation of family, school and community homelessness experienced by the victim of homophobia, which leads to the assumption that if a support had taken place this tragedy could have been avoided.

Key-words: Adolescence. Homophobic bullying. Suicide.

¹ Professor Adjunto na Universidade Federal do Maranhão (UFMA)-Imperatriz. Psicólogo da Instituição (Núcleo de Assistência Psicossocial - NAPSI). Doutor em Educação pela USP. Mestre em Saúde e Ciências do Esporte pela Universidade de Tsukuba, Japão.

² Professora Assistente na Universidade Federal do Maranhão (UFMA)-Imperatriz; Psicóloga. Mestre em Saúde Coletiva pela UFMA.

³ Professora Assistente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)-Imperatriz.

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

1. Introdução

Este trabalho relata um caso de suicídio devido ao bullying homofóbico e escolar sofrido por um jovem de treze anos que desestabilizava as normas hegemônicas de gênero e sexualidade de sua família, povoado e escola rural. Um jovem que suportou práticas discriminatórias e homofóbicas no contexto de uma comunidade heteronormativa, heterocentrada, machista, sexista e misógina. Caso ocorrido no povoado conhecido como Bom Lugar, município de João Lisboa, no sudoeste do Maranhão, região tocantina, Amazônia oriental.

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS/WHO, 2014), o suicídio pode ocorrer em etapas da vida desde a infância até a velhice. Entretanto, foi considerada a segunda principal causa de morte entre jovens de 15-29 anos em todo o mundo, no ano de 2012. Situa-se entre as três principais causas de morte envolvendo juvenis, de 10 a 24 anos. Ainda de acordo com a OMS/WHO (2010), as taxas de suicídio cresceram em torno de 60% em todo o mundo nos últimos 45 anos.

Nas últimas décadas, o suicídio entre jovens brasileiros tem aumentado de forma que representa grupo de risco (ABASSE et al., 2009). Em o Mapa da Violência 2013, Waiselfisz (2013) aponta que as mortes não naturais e violentas de jovens, no período entre 1980 e 2011, como acidentes, homicídios e suicídios cresceram 207,9%. Dentre as formas de violência citadas, o gênero 'suicídio' entre jovens aumentou de 4,9%, em 1996, para 5,1% em 2011 (WAISELFISZ, 2013).

O ambiente escolar se tornou cenário das mais expressivas formas de violência entre jovens, em especial: o bullying. Já muitas vezes informado, o termo bullying tem origem na palavra inglesa bully, que significa: valentão, brigão. Como verbo significa: amedrontar, tyrannizar, oprimir, maltratar. O primeiro autor a relacionar a palavra ao fenômeno foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega. Ao pesquisar sobre suicídio entre adolescentes, o professor descobriu que a maioria havia sofrido algum tipo de ameaça ou discriminação: bullying (FANTE, 2005).

Este trabalho tem como objetivos principais: a) compreender o caso de suicídio juvenil devido ao bullying de gênero, b) despertar a atenção de educadores para a gravidade do bullying escolar de gênero, e; c) destacar a necessidade de serviços e práticas

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

com orientação e aconselhamento da psicologia, como apoio para melhora da qualidade e organização da comunidade escolar.

A metodologia envolveu dados coletados junto à mãe do jovem; observações da cultura escolar local; análise teórica do caso; reflexão-crítica em conjunto sobre as práticas escolares da comunidade. Constitui-se, deste modo, um trabalho com abordagem qualitativa, por primar pela compreensão-interpretação de fenômenos que se caracterizam em atitudes, sentimentos, opiniões e emoções. Foi utilizada entrevista semi-aberta com a mãe do jovem, no Povoado Bom Lugar. Seguimos todos os caminhos éticos acadêmico-científicos.

Entrevista com a mãe foi realizada em sua própria residência, no povoado Bom Lugar, no ano de 2012. Por diversas vezes fora interrompida por crises de choro e pausas, mas a mesma relatou brevemente a situação de bullying e o sofrimento juvenil diante das hostilizações que seu filho sofreu na escola. Considerando o descaso social com o fato, ainda assim, decidimos esperar o tempo suficiente para que pudéssemos expor o caso sem causar constrangimento aos consócios que o vivenciaram, visto o município ser pequeno. Utilizamos um nome fictício para o adolescente: Cecil⁴, que na forma desta publicação garante o anonimato e exposições desnecessárias.

Assim, este artigo se divide em seis momentos, sendo: 1) Introdução: pela qual fazemos esta breve apresentação, exposição do nosso objeto, objetivos e metodologia utilizada; 2) Suicídio juvenil no povoado Bom Lugar: descrição do caso: expomos dados sobre Cecil e seu cotidiano de sofrimento psíquico no cotidiano escolar-comunitário; 3) Ambiente escolar, adolescer e bullying: uma revisão literária dialogando autores que se dedicam aos temas em contato; 4) Adolescência, bullying e suicídio: associamos os dilemas da adolescência com a violência escolar, gênero e o suicídio; 5) Compreensão do caso: foram feitas algumas análises-interpretações de resultados obtidos e discussões sobre o caso, e; 6) Considerações finais: arrematamos o que foi dialogado acima, o aprendizado com este estudo de caso e apontamos pesquisas futuras quanto ao tema.

2. Suicídio juvenil no povoado Bom Lugar: descrição do caso

⁴ Nome fictício para resguardar e respeitar a não identificação do sujeito, ainda que o caso seja conhecido no município, visto que esperamos razoável tempo para divulgação deste estudo.

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

O caso descrito retrata a falta de recursos, internos e externos, de um jovem adolescente, de treze anos, que sofreu discriminação e rejeição por parte de colegas da escola em que estudava, ao ser apelidado, agredido e não encontrar alternativa de apoio, tanto pela escola quanto pela família, recorrendo a uma atitude extrema: o suicídio.

Quanto ao povoado Bom Lugar, cenário do ocorrido, pertence à cidade de João Lisboa, no estado do Maranhão e seus habitantes são chamados de joão-lisboenses. Criado em 15 de dezembro de 1961, pela lei 2.167, origina-se do povoado Gameleira, elevado à categoria de município e distrito com a denominação de João Lisboa, pela lei estadual nº 2167, de 15-12-1961, desmembrando-se de Imperatriz, município onde escrevemos este trabalho, no Campus interiorizado da Universidade Federal do Maranhão.

Como área territorial, João Lisboa possui 1.135,21 Km², com índice de desenvolvimento humano (IDHM 2010) de: 0,641, considerado muito baixo, porém característico das realidades interioranas maranhenses e amazônicas. Com 4.412 matrículas no ensino fundamental e 938 no ensino médio, para uma população residente de 20.381 pessoas, sendo 9.977 homens e 10.404 mulheres. 14.284 dos habitantes são alfabetizados e 8.344 dos cidadãos frequentam creche ou escola, a maioria se diz da religião Católica Apostólica Romana, seguida de evangélicos (Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012).

O jovem joão-lisboense Cecil nasceu em seis de março de 1998. Filho caçula entre seis irmãos, com mãe trabalhadora rural, o que retrata uma família comum no município. O pai faleceu quando Cecil era um bebê de oito meses. Os outros irmãos, já maiores, trabalhavam em lavouras em outros povoados maranhenses. Eram filhos de outros relacionamentos que a mãe manteve antes de unir-se ao pai de Cecil, fato também típico na região. Família pobre que residia em casa de taipa e sobrevivia do trabalho na lavoura e recebia benefício do Programa Bolsa Família.

Dentre as características comportamentais de Cecil, podemos citar: estudioso, quieto, isolado, auxiliava nas tarefas domésticas, não tinha amigos confidentes. Às vezes conversava com vizinhos, quando era abordado, limitando-se a responder algumas perguntas. Estava cursando o sétimo ano em uma escola pública do município. Segundo relatos da mãe, constantemente chegava a casa cabisbaixo e sem querer conversar, insistindo em dizer que não queria ir mais para a escola. Os colegas diziam que ele era

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

gay, fato negado por ele. Registra-se também que dias antes do suicídio, ele brigou com um colega na escola. Este colega mordeu seu braço e outro o ameaçou de morte. Fato que ele reportou à sua mãe, a qual foi até a escola conversar com o diretor, que se prontificou a falar com os professores e com os pais do aluno que o ameaçou.

Em contato com o diretor na escola, para sabermos se ele tinha conhecimento da situação, o mesmo afirmou que se reuniu com o Conselho de Classe para saber o que fazer sobre o caso. Todos já sabiam do caso e falaram da necessidade de um acompanhamento psicológico, visto que o diretor ficou de solicitar um psicólogo na Secretaria de Educação. Como havia apenas uma psicóloga lotada na Secretaria, a mesma não tinha agenda para esse tipo de atendimento, ou acompanhamento.

Ao perguntamos ao diretor porque não havia encaminhado para o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)⁵ de João Lisboa, este argumentou que havia sido informado que lá não atendiam criança dessa idade, só adultos. Então, no dia 29 de março de 2011, quando atentou contra a própria vida, Cecil foi até à escola, porém retornou à sua casa, local onde se enforcou e o corpo foi encontrado pela própria mãe.

Cecil convivia com uma irmã de dezesseis anos, enquanto a mãe mantinha sua rotina de ir à roça. A irmã saía com frequência, e ele ficava mais tempo só do que em companhia de familiares. O relacionamento com a irmã era tenso, pois, segundo a mãe, discutiam muito, e ela obrigava-o a fazer as tarefas domésticas. De acordo com a mãe, a irmã chorou diante da morte do irmão, arrependendo-se por não ter dado a atenção que ele precisava.

A entrevista com a mãe foi realizada em abril de 2012. A casa de Cecil permaneceu fechada por muito tempo, pois a mãe encontrava-se na roça há mais de um ano e a irmã foi morar com uma amiga em uma cidade próxima. Formas que encontraram de encarar e suportar o luto dolorido. Na entrevista de tipo aberta, durante o relato, a mãe chorou várias vezes. Disse que ninguém “deu confiança pra o que estava acontecendo

⁵ Os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS são serviços da Rede de Atenção Psicossocial - RAPS abertos e destinados a prestar atenção diária a pessoas com transtornos mentais. Os CAPS oferecem atendimento à população, realizam o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. Atendem aos usuários em seus momentos de crise, apoiam usuários e famílias na busca de independência e responsabilidade para com seu tratamento dispõem de equipe multiprofissional composta por médico/psiquiatra, psicólogos, de entre outros.

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

com seu filho. A escola não fez nada”. Que nunca imaginou uma situação daquela. Afirmo ela que era ignorante quanto ao assunto e aos aspectos afetivos necessários.

Em uma das falas da mãe, ela aponta que: Se Cecil tivesse recebido ajuda psicológica adequada, esse fato teria sido evitado? Porque a Escola deixou de cumprir o seu papel? Porque os professores não conseguiram interferir? Quem falhou nesse processo? Família? Escola? Ou ambas? Sem podermos responder importantes questionamentos desta mãe, muitas perguntas permanecerão em aberto, muito embora o esforço deste estudo coletivo.

Contudo, ao tentarmos responder as questões acima, construímos parte do objetivo deste estudo, que é compreender o caso para que outros, de mesma magnitude, possam ser prevenidos. Almejamos que a saúde afetivo/emocional escolar seja promovida e o melhoramento da psicologia educacional se transforme em realidade, ao trazer casos semelhantes à tona. Casos estes, muitas vezes considerados tabus e escondidos no véu do silêncio em municípios pequenos, como os maranhenses.

3. Ambiente escolar, adolescer e bullying

A escola tem importância fundamental no processo adolescer, pois é no ambiente escolar onde se desenvolve a socialização, o sentimento de grupamento e de formação de pares. Porém, segundo Fante (2005), a violência conceituada como bullying, nociva a estes processos, é observada não apenas nas escolas, mas também na família e ambientes como condomínios residenciais e clubes, entre outros. Fato que empobrece o desenvolvimento da pessoa, como no caso do jovem em estudo e, tal como aponta Wallon (2010, 1988), coincide com a faixa-etária em que o escolar pode se tornar alvo de troça.

O período que vai de 7 a 12 ou 14 anos parece servir de maneira bem mais pobre para o desenvolvimento da pessoa, a ação e as curiosidades da criança voltam-se para o mundo exterior, onde prossegue sua aprendizagem de pequeno praticante. Não é por estar menos em destaque, no entanto, que não continua sua evolução rumo a uma crescente autonomia. A criança cujas necessidades de apego pessoal continuam prevalecendo por demais exclusivamente começa a ser intensamente castigada pelos membros do grupo de que agora faz parte. É a idade em que são alvo de troça aqueles que a escola parece desorientar porque sua necessidade da família continua muito aparente ou aqueles que procuram obter do professor uma atenção pessoal (WALLON, 2010, p. 188).

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

Fase sim, de maior interesse no mundo exterior, especialmente quanto a um ideal subjetivo a seguir, de estabelecer buscas de referências de uma imagem de realidade objetiva que dê conta e apóie o mundo interno. Porém, nunca de empobrecimento de seu desenvolvimento pessoal íntimo, o qual só é aparente, ao se concordar com Wallon, uma vez que há reformulações significativas da construção do eu, da intimidade moral e da autonomia, por quais mudanças a socialização é fator tão determinante quanto, mas agora diferenciado, das etapas anteriores.

O bullying escolar, que fere esta sensibilidade de associar-se, compreende as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente e são adotadas por um ou mais estudante contra outro (s), causando dor e angústia, por ser executado dentro de uma relação desigual de poder (NETO, 2005). As vítimas desta relação desigual de poder, do bullying em geral, não conseguem responder às agressões, por falta de recursos para tanto. Em geral, trata-se de crianças e jovens que possuem baixa autoestima, retraimento e acabam por desenvolver pouca sociabilidade devido à insegurança no processo.

Dentre diversas contribuições convergentes, chama a atenção o problema da violência na escola apontando para a gravidade da situação, especialmente por se compreender a escola como uma das entidades responsáveis pela socialização da criança, e ser o segundo ambiente de convívio após a família. A questão do bullying deve ser enfrentada com urgência em virtude das consequências que a criança ou o adolescente pode sentir, como o sofrimento psíquico, a não adaptação e, finalmente, a escolha de um fim trágico: o suicídio.

Szymansky et al. (2008), referindo-se ao papel da escola, reafirmam que além de promover o conhecimento, tem a função de socialização e interação entre alunos. De acordo com esses autores, a escola pode contribuir para a manifestação do bullying ao ignorar o papel socializador e interacional, não apenas entre alunos, mas também na relação alunos e professores. Fante (2005) reforça que o bullying ocorre frequentemente em sala de aula, e por isso mesmo, o professor tem atuação decisiva frente a essas ocorrências.

No Brasil, nos anos de 2002-2003, a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) realizou pesquisas em onze

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

escolas de ensino fundamental no Rio de Janeiro, de 5ª a 8ª séries, onde foram entrevistados 5.800 estudantes. Os resultados mostram que 40,5% dos adolescentes se envolveram em situações de bullying; 60% das ocorrências se deram em sala de aula e entre os que admitiram serem autores de bullying, 51,8% disseram que não foram advertidos pelos professores ou gestores escolares (NETO, 2004).

Dados como esses, acima, sugerem o questionamento em relação à atitude dos membros e autoridades escolares, que parecem negligenciar atitudes de agressão entre alunos, numa tentativa de banalizar a agressividade e hostilidade entre os pares. Lemos (2009) reafirma a importância do engajamento e comprometimento de todos os membros da escola no sentido de prevenir e combater o bullying. Para esta autora, a escola deve ser um espaço não apenas de desenvolvimento de aspectos cognitivos, mas também afetivos.

Em contexto maranhense, Araújo e Gomes (2014), ao pesquisarem a perspectiva do professor diante do bullying na escola, buscaram compreender como se dá o bullying em âmbito escolar específico, ou seja, a sala de aula, bem como a importância do papel social do professor no trato deste problema. Seus resultados apontaram que os professores possuem dificuldades em lidar com o bullying tanto em sala de aula quanto em outros ambientes escolares.

Atribuíram essa dificuldade também ante a forma como o bullying é praticado, visto que são comuns, na maioria dos casos, os atos violentos serem praticados de forma dissimulada e longe dos olhares do corpo docente. As vítimas do bullying, muitas vezes, vivenciam o sofrimento para além da própria experiência da violência, marcados como um estigma, uma ferida permanentemente exposta (LEMOS, 2009). O impacto emocional gerado por esse tipo de agressão pode fazer com que a vítima recorra a soluções trágicas como o suicídio ou o homicídio.

Na esteira foucaultiana, podemos pensar o quanto está em jogo o exercício de poder como instrumento histórico referente à sexualidade. O bullying homofóbico tem como pano de fundo esta relação de poder secular (FOUCAULT, 2007). Esta potência negativa da nossa cultura e historicidade se acentua tanto no enraizamento quanto na superficialidade corporal patriarcal, coronelista, judaica-cristã e pós-colonialista.

4. Adolescência, homofobia e suicídio

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

Sabe-se que a adolescência é um processo cheio de idas e vindas, de ambivalências, resistências e que carece de acompanhamento por parte de familiares e escola, no sentido de orientar atitudes e comportamentos dentro e fora da escola. É um período caracterizado por alterações biológicas e psicossociais, marcado por profundas mudanças corporais e comportamentais. Um jovem com 13 anos, como em nosso caso, encontra-se na segunda fase da idade escolar, a fase categorial propriamente dita, de 7 a 14 anos, na esteira epistemológica e psicogenética walloniana.⁶

No período da adolescência, as interações sociais desempenham um papel importante no desenvolvimento da afetividade e autoestima do adolescente. A necessidade de aceitação, reconhecimento e aprovação entre os pares, expressa sentimentos de insegurança, muito próprios dessa fase. Quando o adolescente não consegue sentir-se aceito pelo grupo ou desenvolver sentimentos de amizade, tende a retrair-se e a isolar-se dos demais colegas (AVANCI et al., 2005).

Em geral, os adolescentes estão especialmente suscetíveis aos efeitos negativos decorrentes das interações sociais. Adolescentes vítimas de bullying, em especial, tendem a retrair-se e isolar-se dos demais. Os professores devem estar atentos ao comportamento dos alunos, pois segundo Constantini (2004), comportamentos aparentemente irrelevantes podem estar indicando uma situação de bullying. Ainda segundo o autor, os profissionais que atuam na escola devem estar envolvidos com a identificação e prevenção da ocorrência do mesmo.

Dutra (2001), ao falar sobre a vivência depressiva no adolescente, diz que ela se revela frequentemente através dos sentimentos de vazio, tédio, indiferença, solidão, abandono, sentimentos de rejeição e de incompreensão. Sabe-se que, no período da adolescência, a convivência com os grupos e os pares é significativa no processo de socialização. Sentir-se aceito no grupo, traz sentimentos de aprovação e pertinência que

⁶Os cinco estágios de desenvolvimento do ser humano se sucedem com predominância afetiva e cognitiva: **1)** Impulsivo-emocional. Primeiro ano de vida com predominância da afetividade, as quais são intermediadas pelas pessoas em sua relação com o mundo físico; **2)** Sensorio-motor e projetivo. Até os três anos de idade ocorre aquisição da marcha e da prensão, maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração dos espaços. Desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. **3)** Personalismo. Dos três aos seis anos desenvolve-se a construção da consciência de si mediante as interações sociais, reorientando o interesse das crianças pelas pessoas; **4)** Categorial. Progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior; **5)** Predominância funcional. Redefinição dos contornos da personalidade, desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal. Questões pessoais, morais e existenciais são trazidas à tona.

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

são fundamentais no desenvolvimento da autoestima. Estar e sentir-se bem com amigos, perceber-se parte do grupo é uma importante fonte de apoio e amparo nas diversas inquietações e dúvidas inerentes a essa etapa da vida.

Szymansky et al. (2008) citam pesquisa realizada por outros autores entre alunos, professores e diretores de uma escola municipal no interior do Paraná, na qual os resultados apontam que cerca da metade dos pesquisados não acredita que o bullying influencia no rendimento escolar, o que demonstra uma banalização do problema. Em relação ao comportamento da equipe pedagógica, 85% dos professores disseram que a escola abre espaço para as denúncias acerca do bullying, no entanto, os dados merecem reflexão, visto expressarem uma incongruência entre o que é cognitivo e o que é afetivo segundo os autores da pesquisa. Não muito diferente do contexto sudoeste-maranhense (ARAÚJO; GOMES, 2014).

Os fatores para o risco de suicídio na adolescência apontam a depressão, falta de amigos, tristeza, dificuldade de convivência com os pares, problemas familiares e o bullying como elementos precípuos neste infortúnio. Em Minas Gerais, Abasse et. al. (2009) realizaram estudos com adolescentes entre 10-19 anos no período entre 1998-2003, onde se constatou que a maioria era do sexo feminino, que predominaram as tentativas suicidas por ingestão de drogas e medicamentos, principalmente na faixa etária entre 15-19 anos.

A literatura acadêmica sobre suicídio na adolescência, especialmente na idade entre 10-13 anos, parece ser escassa (MARTINS, 2005). Há matérias informativas divulgadas em jornais e publicadas nas redes sociais de alguns casos no Brasil e fora do Brasil, como por exemplo: o adolescente de 11 anos que tenta se matar após bullying homofóbico e que comoveu os EUA. A criança gostava de um personagem cor de rosa e, por este motivo, Michael Morones era constantemente humilhado na escola.

Identificamos outros casos, como o relatado pela mãe de uma garota de 12 anos, que se suicida após bullying nas redes sociais: "Meninas não a deixavam em paz", dizia ela. Novas evidências foram divulgadas sobre o suposto caso de *cyberbullying* que causou o suicídio de uma adolescente de 12 anos de Lakeland, Flórida, nos Estados Unidos. Em 2013, a garota pulou de um local de produção de cimento onde costumava ficar com os amigos. Cerca de um mês depois, duas adolescentes foram acusadas de assédio pelas redes sociais.

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

No Brasil, caso semelhante ao de Cecil ocorreu na Cidade de Cascavel, no Paraná, e foi noticiado pela imprensa local, no qual uma jovem de 13 anos cometeu suicídio por enforcamento, em março de 2014. Segundo o noticiário, a motivação para o suicídio seria o bullying vivenciado na escola por parte dos colegas. Neste caso, bem como no de Cecil, surge o questionamento e reflexão sobre o papel e função de educadores.

Segundo Szymansky et al. (2008), algumas características físicas, comportamentais e emocionais podem tornar a vítima mais vulnerável às ações do bullying, como por exemplo, a rejeição às diferenças. Afirmam que muitas crianças sofrem o bullying por meio de ataques ao gênero sexual, com denominação de rótulos como gay, frutinha, entre outros (SZYMANSKY et al., 2008). No caso de Cecil, ele era apelidado de “bicha” e “gay” por colegas da escola que frequentava.

Silva Júnior (2010), em sua tese doutoral intitulada: *Rompendo a mordação: representações de professoras e professores do ensino médio sobre a sexualidade*, reforça a definição histórica de gênero como a diferenciação anatômica entre homem e mulher. E o gênero sexual como a sexualidade em sua diversidade de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas. Uma dinamologia de valores controversos, em choque, combativos e contraditórios, campo minado e potencial de inovações e retrocessos. E chama a atenção, de forma perspicaz, o quanto a homossexualidade não foi experienciada de forma homogênea na história. O contexto rural maranhense é de herança coronelista, machista e homofóbica, onde se situa o município deste caso em estudo.

Quanto ao comportamento suicida, este pode se dividir em três categorias: **i)** ideação suicida (idéias, planejamento e desejo de se matar), **ii)** tentativa de suicídio e **iii)** suicídio consumado. A ideação suicida constitui-se no primeiro passo para a consumação do ato. Suicidar-se em plena fase de desenvolvimento, quando todo o corpo e o psiquismo estão se preparando para a vida adulta é um corte brusco e cruel na vida de um jovem (AVANCI et al., 2005).

É uma interrupção brusca, de impacto imensurável, uma dor e grande sofrimento para a família, que busca explicações e justificativas, porém não encontra uma resposta. No caso em estudo, a ideação suicida foi anunciada de diversas formas, em que pese tentativas anteriores não terem sido registradas. A consumação do suicídio se deu mediante um contexto que poderia ter sido evitado.

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

5. Reflexão-compreensão do caso

A ausência de capacitação para profissionais da educação e professores, sobre o bullying, suas manifestações, ocorrências e formas de como lidar com esses comportamentos hostis e agressivos, foi relatada durante a conversa realizada com os professores e diretores da escola. Também a ineficiência da rede assistencial e de apoio, tanto na saúde como na educação, é um exemplo claro de que ela não funcionou, não cumpriu com o papel de assegurar apoio a Cecil, às pessoas envolvidas, à população do povoado e à instituição escolar que necessitou dela.

Observa-se a escassez de profissionais da área da psicologia que possam estar atuando junto a professores na orientação, capacitação, assessoramento e como apoio para os devidos encaminhamentos e monitoramento da situação de bullying. Fato que chama a atenção e que requer atitudes de enfrentamento para viabilizar mudanças de atitudes de gestores públicos. Como mencionado acima, o município possui uma população de aproximadamente 24 mil habitantes, com uma população de alunos do ensino fundamental de 4.412, distribuídos em 32 escolas públicas (IBGE, 2012) e contava na época (2011), com apenas um psicólogo para toda a rede de educação, incluindo também os pré-escolares. É impossível que apenas um profissional consiga atender a essas e outras tantas demandas.

No caso, o jovem Cecil não conseguiu ter um bom relacionamento com os pares, nem se sentir aceito em sua turma escolar, assim como se absteve da interação com outros grupos da sua idade. Ao contrário, teve fortes sentimentos de discriminação e rejeição, pois foi humilhado, hostilizado, e agredido pelos colegas. Percebe-se que a situação de Cecil era de total desamparo e abandono. Tanto por parte da família quanto por parte da escola, sendo que no primeiro caso, representada pela mãe, a qual não entendia bem a gravidade do que estava acontecendo. Porém havia solicitado uma intervenção quanto às agressões que Cecil recebeu. Fatos que o tornavam triste, sem desejo de assistir às aulas e de conviver no ambiente escolar, apontando tensão crescente com o mundo exterior.

Ao se tornar alvo de troça, comprometeu-se as possibilidades de reformulações significativas da construção do eu, de sua intimidade moral e de sua autonomia.

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

A Escola, que tinha conhecimento da situação e presenciou algumas hostilizações, deixou de cumprir o papel de interventora, deixando de identificar alternativas que pudessem obter uma solução. Não houve apoio de diretor, professores ou supervisor e ou nenhum membro da comunidade escolar se manifestou em dar apoio à situação que Cecil vivenciava. De acordo com o que apontaram Araújo e Gomes (2015), que os profissionais educadores sabem o significado do bullying e suas consequências, entretanto, não possuem formas sistemáticas ou eficazes para lidar com os conflitos. O professor que acompanhava Cecil em sala de aula estava ciente do comportamento de bullying vivenciado pelo aluno, assim como toda a equipe pedagógica e direção da escola, porém nenhuma atitude foi tomada para evitar a fatalidade.

Szymanky et al. (2008) apontam que os professores não distinguem comportamentos que são típicos da fase pré-adolescente daqueles que são considerados mais agressivos, fora da normalidade. Neste sentido, a cultura escolar e seu cotidiano são sombrios quanto à imagem de alteridade, que ficou à margem e subordinada. A escola traz discursos democráticos, mas, se esconde na autoridade estatal, reproduzindo a coisificação dos alunos, os grandes blocos homogêneos. E, sob as forças normalizadoras dos dogmas, há forças proibitivas e de tabus, como o de ser gay em pequenas comunidades maranhenses. As doutrinas e ideologias dominantes, machopatriarcais-católico-evangélicas, compõem forças imperativas e coercitivas nestas comunidades rurais, que levam à evidência os convictos da culpa e o temor inibitório sofrido por Cecil. Como observado, desde sua casa, passando pelo povoado até a escola, ou seja, todas suas possibilidades de socialização foram frustradas.

O ambiente escolar de Cecil não ajudou a promover sua socialização, bem como não auxiliou o desenvolvimento de sentimento de equipe e atitudes de interação. Ao contrário, foi cenário de hostilidade e agressividade. Falta um conjunto de medidas que valorizem a parceria da família com a escola, o empoderamento da tríade pessoa-outro-comunal. Se não se reconhece o vaivém e a ambivalência do ser, em qualquer fase, como nos ensina Wallon, não se tem como dimensionar as elaborações íntimas e de reação ao meio por Cecil.

Além, a rede de assistência na educação e na saúde não funcionou, como observado nos relatos da mãe e professores, pois a criança não foi encaminhada ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), porque no município sede só havia CAPS para adultos.

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

Porém, em um município maior que fica aproximadamente a 30 quilômetros da localidade, e é referência para o município, existe um desses centros em funcionamento, para atender crianças e adolescentes. Ora, o encaminhamento não foi realizado.

Na Secretaria de Educação do Município, havia apenas um psicólogo contratado para dar apoio às demandas educacionais de um município que conta com aproximadamente 24 mil habitantes e mais de 4 mil alunos no ensino fundamental. Como é possível apenas um profissional dar conta das necessidades que as escolas demandam?

Desse modo, evidencia-se a necessidade de haver uma ampliação do número de profissionais da psicologia que, através do trabalho em equipe multiprofissional, possa exercer a prevenção do bullying nas instituições escolares, estendendo orientação e apoio aos professores e membros da comunidade escolar. No sentido que possam estar mais bem orientados do ponto de vista técnico e também com habilidades emocionais sensibilizadas para lidar e intervir nas situações inadequadas manifestadas no contexto educacional.

6. Considerações finais

O caso relatado neste estudo evidencia, de forma clara, o impacto destrutivo que as ações do bullying homo-afetivo podem provocar em crianças e jovens. Uma criança de treze anos foi mais uma vítima de violência deste tipo de bullying, que assume eventualmente ares de banalidade e por isso fica impune, na maioria das vezes. A omissão por parte de professores e educadores, tem sido relatada em alguns casos, como também a ausência de preparo técnico e até mesmo psicológico para lidar com essas questões em sala de aula e no ambiente escolar. A ausência de conhecimento e de acompanhamento bem como de apoio familiar, especificamente da mãe também foi identificado. Nesse relato, fica clara a necessidade de um serviço de orientação psicológica para educadores, familiares e principalmente os próprios alunos. O que falta e é negligenciado nesta região maranhense: a presença do psicólogo educacional.

Faz-se necessária a implantação de uma rede de prevenção e controle das ações de bullying, na qual possa haver encaminhamentos, referências na assistência à vítima e família, aliados a uma intensa mobilização de ações educativas, focadas em uma educação permanente, orientada para o desenvolvimento da construção da paz e da diversidade sexual em nossas escolas. O afeto, que tanto nos ensina Wallon, como uma dimensão

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

fundamental no desenvolvimento da pessoa, é ainda tema negligenciado na prática pedagógica. Atualmente se fala em razão sensível, ou razão apaixonada, mas no cotidiano, o império da razão conceitual e instrumental-cognitiva se desenha como horizonte sem fim.

Pesquisas futuras sobre o tema em realidades latino-americanas, sul-americanas, brasileiras, nordestinas, amazônicas e maranhenses são necessárias para a partilha de conhecimentos. Em que pese as realidades serem diferentes, muitos desafios são comuns, ao se comparar aspectos culturais do nosso continente e localidades, vide a pedagogia de um continente cultural se assemelhar, como o é o latino-ibero-americano. Buscar ampliação de compreensão comunitária, intercultural e heterogênea, nesta época de rápida comunicação e informação, é parte também de nossa forma de contribuir, como este estudo realizado sobre o sofrimento fatal de um jovem, ainda cheio de vida e sonhos que se esvazia no tempo, em Bom Lugar.

REFERÊNCIAS

ABASSE, M.L.F.; COIMBRA, R.; SILVA, T.C.; SOUZA, E.R. **Análise epidemiológica da morbimortalidade por suicídio entre adolescentes em Minas Gerais, Brasil**. Ciência e Saúde Coletiva, v.14, n.2 Rio de Janeiro, Mar./Apr. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000200010>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

ARAÚJO, J.; GOMES, F.J.C.. **A perspectiva do professor diante do bullying escolar**. In: Revista Itinerarius Reflectionis: Revista eletrônica do curso de pedagogia do campus de Jataí, Universidade Federal do Goiás-UFG, v. 1, n. 16, 2014 <DOI: 10.5216/rir.v1i16.29457. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/ritref/article/view/29457>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

AVANCI, R.C.; PEDRÃO, L.J.; COSTA JÚNIOR, M.L. **Perfil do adolescente que tenta suicídio admitido em uma unidade de emergência**. Revista Brasileira de Enfermagem, 58 (5):535-539, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672005000500007>. Acesso em: 13/03/2015.

CONSTANTINI, A. **Bullying: como combatê-lo, prevenir e enfrentar a violência entre os jovens**. São Paulo: Itália Nova, 2004.

DUTRA, E.M.S. **Depressão e suicídio em crianças e adolescentes**. In: Mudanças, 9, 15, 27-35. 2001.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª ed. Campinas/SP: Veru, 2005.

Volume 13, número 2, Ano: 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 2007.

LE MOS, A.C. **Uma visão pedagógica do bullying escolar**. Brasília: UNB, 2009.

MARTINS M. J. D. **O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados**. In: Revista Portuguesa de Educação, 18(1), 93-105, 2005.

NETO A.A; SAAVEDRA L.H. **Diga não para o bullying**. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2004.

NETO, A. A., Neto. **Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes**. In: Jornal de Pediatria, 81(5), 164-172. 2005.

SILVA-JÚNIOR, Jonas Alves. **Rompendo a mordaza: representações de professoras e professores do ensino médio sobre homossexualidade**. Tese doutoral apresentada à Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SZYMANSKY, M. L. et al. **O bullying no contexto escolar: a omissão da escola**. PUC, Paraná, 2008. Disponível em: <www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/882_770.pdf>. Acesso em: 15 mar 2015.

VIEIRA, R.R. **Bullying: estudo de caso em escola particular**. 2009. 160f. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

WAISELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2013. Homicídio e Juventude no Brasil**. Secretaria-Geral da Presidência da República Secretaria Nacional de Juventude, 2013. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013_homicidio_juventude.pdf. Acesso em: 25 fev. 2015.

WALLON, H. **A evolução psicológica da infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo, Manole, 1988.

WHO- World Health Organization. **Preventing suicide: a global imperative**. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/en/>. Acesso em: 08 fev. 2015.

_____. IMAI – **One day orientation on adolescents living with HIV - participants manual**, 2010. Disponível em: http://whqlibdoc.who.int/publications/2010/9789241598972_eng.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2015.